

EMMÉRICO HARTWICH NUNES: UM SIMPLICÍSSIMUS MODERNISTA (Lisboa 6/1/1888 – Sines 18/1/1968)*

Por: Osvaldo Macedo de Sousa**

Recordar Emmérico Nunes é abrir a arca do esquecimento, é reabrir a história deste país tão bem esquecida oficialmente pelo poder. Emmérico é um desconhecido mestre das nossas artes, por isso toda e qualquer iniciativa que traga ao conhecimento mais um pouco da sua obra é sempre de louvar. Eu, que até sou um curioso da sua obra, pouco conheço do que ele realizou além fronteiras, ou na pintura. Infelizmente, nunca tive a oportunidade de abarcar a sua vasta e dispersa obra pictórica, publicitária, decorativa e internacional.

Não é minha intenção fazer aqui a sua biografia, já que ele nos deixou seus passos bem descritos numa autobiografia que eu recomendo a leitura. Apenas desejo deixar aqui a minha modesta deambulação pelos seus tempos e obra enquadrada na época.

Nascido no seio de uma família com formação artística (pai arquitecto, mãe pintora, poetisa...) sempre esteve rodeado pelas musas e pela irreverência, apesar de uma educação Burguesa de classe alta, e portanto conservadora.

Sabemos que ainda criança se lançou nas primeiras aventuras editoriais caseiras, com o que hoje se poderia apelidar de fanzines, aos quais ele deu por títulos pomposos de “O Paiz”, “Risota”, “Folhas Volantes”... o que testemunha uma consciência satírica de um jovem com 10 anos.

Em sua casa liam-se os jornais humorísticos da época, razão pela qual ele é desde tenra idade admirador de Raphael Bordallo, e mais ainda de Leal da Câmara e de Celso Hermínio, com quem conviveu na *Corja*, na *Marselheza*, e que logo marcaram o seu pendor satírico expressionista.

O pai, como um bom chefe de família preocupado com o futuro da prole, tenta encaminhá-lo para o comércio, primeiro no Liceu Politécnico, depois na Escola Comercial Peixoto. O mesmo tinha tentado Manuel Maria Bordallo Pinheiro ao querer amarrar Raphael às mangas-de-alpaca, só que a irreverência juvenil quebra na maior parte das vezes essas vontades. A teimosia artística convence o pai a deixá-lo estudar na Escola de Belas Artes onde frequenta as classes do Condeixa, do Alberto Nunes... O pai cauteloso questiona Malhoa sobre o futuro do seu filho, e este profere a célebre sentença: «Se você pode, acho que faz bem em tirar o pequeno da Escola e mandá-lo estudar para Paris. Aqui em Lisboa está 8 anos a marcar passo. Mas em Paris o ambiente e os métodos de ensino, se ele os souber aproveitar, farão dele um artista em metade desse tempo.» O veredicto estava dado, e lá seguiu o seu destino em 1906/7

* Conferência apresentada na Hemeroteca Municipal de Lisboa (Sala do espelho: 26 de Junho de 2008) no âmbito do projecto **Emmérico Nunes na Colecção da Hemeroteca – Obra Gráfica**.

** Historiador do Humor Gráfico. Autor de vários estudos sobre Emmérico Nunes. Responsável pela Humorgrafe e fundador do Salão Nacional de Caricatura. Comissário das Comemorações dos 150 Anos da Caricatura em Portugal (1997).

emparceirando-se com outros bolseiros ou irreverentes das artes que viviam Paris como um sorvedouro de artes. Aí não se restringiu às Academias Livres do Ferdinand Cormon, à Academie Julien, frequenta mesmo a École des Beaux Arts durante quatro anos. Em 1910 faz umas incursões de pesquisa pela Inglaterra, Holanda e Bélgica e em 1911 encontram-lo em Munique a frequentar a Kunstakademie ou o Atelier de Heimann... De toda aquela geração de estudantes a voarem para além fronteiras na procura de novos caminhos estéticos, ele e Amadeo de Souza-Cardoso serão os que melhor aproveitarão as *chances* oferecidas. Emmérico estudou com os mestres possíveis, para poder renegá-los e criar o seu estilo imbuído pelas boémias parisienses ou alemãs, para captar o novo ambiente plástico da Europa.

Amadeo, nas suas cartas, revela um pouco o ambiente de então ao escrever: **«os amigos compatriotas, que marcham numa rotina atrasada. Arte é bem outra coisa que quase toda a gente pensa, é bem mais que muita gente julga. Tudo quanto para aqui se faz é medíocre, aparte raras coisas.»** **«Hoje os artistas preocupam-se com a realidade, pretendem imitar a natureza como se ela fosse imitável, não sentem emoções grandes, porque são neutras de nascença as suas almas - em suma, é o ocaso duma religião que passou.»**

Em Portugal, a arte não vive, sobrevive. As correntes estéticas não germinavam, nem se desenvolviam, copiavam-se. Os ismos dominantes eram o chiadismo, o cafezismo, o pedantismo, e o pedintismos de bolsas... o academismo regente era a imitação vazia de escolas e quando alguns quiseram gritar uma nova liberdade estética, esse grito soou vazio, porque ninguém pode ser livre de algo, se não conhece as prisões dessas regras. Primeiro tem que se conhecer os Mestres a fundo para os poder renegar.

Em Paris, o que os pensionistas encontraram foi um ambiente de anarquia filosófica-estética, onde chocavam e se entrecruzavam o naturalismo, o expressionismo, o fauvismo, o pontilismo... e tantos outros ismos irreverentes ou académicos. Raros foram os que conseguiram visualizar algo entre tanta informação nova, optando a maioria por se socorrer do que conheciam melhor da sua formação em terras lusas. Regressou a maioria com os mesmos tiques plásticos, mas com alguns deslumbramentos mais cosmopolitas, com a paleta menos sombria...

O que mais fascinava estes jovens era, por um lado, a boémia parisiense, o convívio entre idealistas das estéticas e do pensamento inovador na viragem do século... Por outro lado, a oportunidade de verem ao vivo, de copiarem os mestres do passado no Louvre, nas reproduções que aqui se encontravam com maior facilidade. Em relação às vanguardas, a maior parte delas passavam ao lado, nas tertúlias de outro café, nas disputas de outros círculos... e além disso, para se enveredar por essas irreverências era necessário estar filosoficamente nessa onda, nessa via de criatividade, o que não acontecia à grande maioria dos artistas que viviam por Paris. Não tinham formação estética, filosófica ou ideológica para avançarem nessa senda. Isso não quer dizer que, no meio dos modernistas moderados, não vamos encontrar um ou

outro trabalho de tendência cubista, futurista, dadaísta... numa linha mais irónica, de paródia ou de simples desvio ocasional na obra de um artista.

Em Portugal, estas novas formas de abordar a arte, procurando recusar o passado, mas sem saber qual o futuro, ficaram conhecidas como Modernismo. Este é um movimento sem bases programáticas definidas, só uma vaga filosofia de utilitarismo plástico, de síntese de expressão estrutural com alguma ideologia de socialismo estético. É por essa razão que o humor gráfico está quase sempre presente na obra desses jovens, quando não é ele que lidera as vanguardas mais ousadas do traço.

Temos que recordar que este início do séc. XX, em consequência do que se foi desenvolvendo com o liberalismo, é uma revolução no estatuto do artista. Antes ele era um assalariado do Poder (religioso ou político), um protegido do mecenas... Agora ele é livre... de morrer à fome. Pode não obedecer ao gosto dos outros, mas ao mesmo tempo tem de comprar o gosto do crítico, do galerista. A sobrevivência será sempre o factor principal da obra de qualquer artista, e nestes novos tempos, a ligação ao mundo empresarial (comércio, industria) será uma das possíveis saídas artísticas.

O personagem mais importante desta era modernista será o papel, como veículo experimental, ou como cartão para reprodução na imprensa, no cartaz, na publicidade... O desenho já não é um simples croqui, é a obra final num diálogo mais democrático com o novo público. As técnicas não tem barreiras de suporte e os óleos, os pastéis, as aguarelas... assim como a desconstrução da realidade em colagens, foto-montagens... invadem o papel "moderno".

Emmérico Nunes que não queria seguir a carreira comercial teve de passar a vida dependente desse mundo. A imprensa, o cartaz, a publicidade, o design são as vias mais fáceis de sobrevivência, as quais exigem novas linguagens, sínteses de comunicação. Há uma perfeita harmonia entre o desejo de ser vanguarda e a necessidade comercial das novas formas de comunicação. O Modernismo será pois a conjugação dessas duas vontades.

Já todos sabiam que a Política é essa grande porca que nunca morre, antes se transforma, se renova em cada ninhada igual à anterior. Por isso, a sátira política chegou a um momento que apenas se repetia, sendo um triste espelho da política, uma serpente a morder a cauda, sem dar nada de novo. Também por isso, Christinao Cruz, na senda do novo pensamento modernista que domina a Europa, defende: **«Depois de Bordallo ninguém fez nada na caricatura política que mereça menção: e embora a ela se dediquem muitos... E aos quais, note, eu não penso em negar talento, mas ao examinar uma página dos jornais humorísticos actuais eu vejo sempre uma página do 'António Maria' apenas virada do avesso... /.../ A caricatura impessoal, a única que lá fora tem feito grandes artistas, não é conhecida em Portugal. O irritante e perspicaz quem é, acompanhando sempre a vista de um desenho impessoal, na esperança de ver surgir as convencionais figuras dos nossos estadistas, é um sintoma da mania política do nosso público. É preciso fazer-lhe desviar a atenção para a**

caricatura social, para a caricatura de costumes, enfim, para a verdadeira caricatura: a impessoal.»

André Brun, no Catálogo do Salão dos Humoristas de 1913, acrescentará: **«O Humorismo, desde que foi reconhecido, baptizado e deitado à margem da arte séria, foi sempre vivendo e, se bem que o não vissem senão sob o aspecto d'um garoto da rua, gracioso e impertinente, ia criando músculos e caminhando com serenidade. /.../ Um dia - o de hoje - a Arte chegou enfim a uma franca simplicidade. Despiu-se de todos os falsos atavios que os séculos foram sobrepondo sobre a nudez deslumbrante e já não busca iludir com grandes gestos, mas convencer pelo raciocínio. Reduzir a vida às equações claras e positivas. E quando a arte, professada por pontífices solenes e académicos, chegou a esta meta, encontrou, esperando-a tranquilamente e olhando-a com um sorriso, o Humorismo. Esse, que ela sempre tomara, até então, por um gaiato irreverente, fora sempre quem conduzira o facho da verdade.»**

Esse novo universo de crítica social é capitaneado em França pelo “Rire”, pelo “L’Assiette au Beurre”, na Alemanha pelo “Simplicissimus” e pelo “Meggendorfer Blatter”... jornais, que eram devorados em Portugal pelos jovens irreverentes, e que levaram 4 artistas, que viviam em Coimbra, a impor o modernismo. São eles, Christiano Cruz, Correia Dias, Luiz Philipe e Cerveira Pinto. Aconteceu em 1909. Quando se realiza em 1911 uma exposição dita de “Os Livres”, já o modernismo vivia entre nós, e essa exposição de bolseiros de Paris nada trouxe á pacata cidade de Lisboa. O seu mentor, Manuel Bentes defendia: **«A Arte não tem sistemas, tem emoções /.../ Queremos ser livres! Fugimos aos dogmas do ensino, às imposições dos mestres, e, quando possível, às influências das escolas, porque cremos que os artistas têm uma só escola - a Natureza; um dogma único - o Amor".»**

De livres eles não tinham nada, pois dependiam totalmente das bolsas do estado, e só vieram mostrar que pouco tinham aprendido de inovador nesses anos de estudo além fronteiras. Não fugiam aos dogmas de escolas e dos mestres, porque não as dominavam, porque não ousavam. O único que se distinguiu naquela mediania foi Emmérico Nunes, que não esteve presente em pessoa, mas enviou trabalhos, numa cumplicidade com os compatriotas que procurou manter sempre, enviando trabalhos para os salões dos Humoristas também.

A sua ascendência germânica facilitou-lhe a vida em Munique. A sua abertura estética para o Modernismo, com um espírito arguto de critica satírica, deram-lhe espaço para ser, de imediato, aceite nos quadros do jornal “Meggendorfer Blatter”, o segundo jornais mais importante do humor germânico. Em Paris, ele apreendeu a simplicidade elegante da sátira social, misturando o traço artonova com o expressionismo, explorando as linhas geométricas do cosmopolitismo, com um traço agressivo da acutilância crítica. Ele era um bom sucessor de um Leal da Câmara, e de um Celso Hermínio – juvenis, que para sobreviverem, acabaram por adoçar o traço. Emmérico, por seu lado, estava nos países que amavam essa forma irreverente de desenhar, e assim se manteve durante duas décadas no “Meggendorfer Blatter”, assim como

colaborará com o “Fliegende Blätter”, o “Zuricher Illustrierte Zeitung”, o “Haagscher Courant”, “Der Spatz”, “Buen Humor”... um trabalho que fez dispersar mais de dois milhares de desenhos, originais quase todos perdidos nas redacções desses periódicos de além fronteiras. Devido a esta longa colaboração com os jornais germânicos, suíços e holandeses, alguns textos referem-se a Emmérico como o artista português que mais publicou no estrangeiro. Isso é falso porque não nos podemos esquecer de um Julião Machado, que trabalhou durante quase três décadas no Brasil; de Leal da Câmara, que teve colaboração em Paris de 1900 a 1915; de Correia Dias que também trabalhou no Brasil de 1914 a 1931; do Zeco, do Hugo Sarmiento... ou do Brito que trabalha em Paris desde 1970 até aos nossos dias. Foi contudo um dos artistas que mais sucesso teve além fronteiras, porém, esse sucesso, infelizmente, não teve repercussão significativa na sua carreira em Portugal.

A sua vida será uma constante viagem entre a Alemanha, a Suíça e Portugal. Os tempos eram conturbados, novos ventos estranhos arrasavam o espírito livre da Europa, e se um dia se realizar a recolha de todo esse material publicado além fronteiras ver-se-á um excepcional retrato dos costumes, das vicissitudes dos pequeno-burgueses e dos novos ricos europeus, desde o cosmopolitismo urbano do centro da Europa ao mundo rural da Baviera, dos cantões suíços cheios de ironia, de bom humor.

E. N. nunca trabalhou para o “Simplicissimus”, mas como não dava jeito fazer um trocadinho com o “Meggendorfer” usamos essa muleta para dizer que Emmérico Nunes é um “Simplicissimus” Modernista. A corrente estética é semelhante entre os dois jornais, ou seja, a síntese plástica aliada ao expressionismo satírico. Emmérico Nunes foi o artista português que melhor simbolizou essa linha, à qual poderíamos ligar Christiano Cruz ou António Soares. Noutras variantes ainda mais sintéticas e menos expressionistas temos todos os outros ditos modernistas como Almada, Barradas, Collombano ...

A modernidade de Emmérico Nunes está condicionada ao diálogo com o seu público. Para além de uma paleta mais aberta, com cores fortes e expressionista, a síntese do traço, numa caligrafia de comunicação directa sem barroquismos, dominarão a sua obra.

As guerras e instabilidades no centro da Europa foram empurrando Emmérico Nunes para esta ocidental praia, onde aos poucos foi constituindo família, e um abrigo. Contudo, esse abrigo será sempre precário, visto não haver por cá bases sólidas para uma sobrevivência desafogada de um artista. Aqui, vai ter se sujeitar ao que há, espalhando a sua criatividade do humor adulto ao humor infantil. Da publicidade às artes decorativas. Da pintura de retrato á paisagem. De restaurador a professor de meninos irrequietos.

Para além do trabalho para empresas privadas, no âmbito da publicidade (Vacuum, Portugal e Colónias, Agencia Geral do Ultramar...), acabará por pertencer à elite da “politica de espírito” de António Ferro, um grupo de modernistas que criou um novo visual de Portugal, além fronteiras nas Feiras Internacionais de Paris e de Nova Iorque, no Mundo Português...

Na imprensa, que é o que interessa mais a esta casa onde estamos a conferenciar, ele deixou obra na “Ilustração Portuguesa”, “Diário de Lisboa”, “Riso da Vitória”, “Có-có-ró-Có”, “ABC a Rir”, “ABC”, “ABCzinho”, “Domingo Ilustrado”, “Senhor Doutor”, “Sempre Fixe”, Voga, “Civilização”, “Espectro”, “Ilustração”, “Magazine Bertrand”, “Eva”, “Noticias Ilustrado”, “Joaninha”, “Acção”... Neste percurso português duas fases de destacam, a década de vinte e o trabalho na “Acção”. A década de vinte é o período mais significativo do seu contributo para o modernismo português, ousando, sendo irreverente ao mesmo tempo que impunha uma linha mundana e cosmopolita, cheia de ironia, influenciada pelo seu trabalho germânico. Destaco obras do “Riso da Vitória”, capas do “ABC”, a capa do livro “Fantoches”... O ambiente português, e o gosto das linhas editoriais foram, entretanto, adoçando o lápis de Emmérico Nunes na imprensa. O período da “Acção” mostra um traço caligráfico com influencias da estética dominante nos USA dessa época, mas com um cunho pessoal de contrastes entre o claro e escuro e com um tom satírico mais profundo, um pouco mais à direita (na linha editorial do jornal), mas também com um matiz de revolta, de desconsolo com a vida.

Em toda a sua obra está subjacente um lado pedagógico, uma vontade de educar as massas, se não pela ironia, pelo menos pelo gosto estético, ou pela moral ética das histórias mais infantis do “ABCzinho”, “Senhor Doutor”...

Como escreveu António Ferro, «**O Magazine é a espuma da vida, tudo quanto ela tem de branco, de rendilhado**». Foi esse mar sempre revoltado, mas pacificador, que deu voz ao modernismo, que os fez sonhar com novas terras estéticas, com um novo povo mais educado em beleza estética. «**Eu sei bem que o público não sente a necessidade de arte, – disse Christiano Cruz em entrevista - da mesma maneira que não sente a necessidade de lavar os pés. Mas as necessidades criam-se e essa tarefa só nos pode caber a nós, dada a impossibilidade de mandar o meio, a Paris, educar a vista...**»

Emmérico Nunes foi um desses educadores, um artista mal amado, como quase todos os outros artistas nacionais. Um artista que poucos conhecem, e que deve ser urgentemente recuperado, assim como toda a sua obra internacional. Estas capas, estes trabalhos para crianças são arte menor? Sim sabemos que é essa a ideia das principais cabeças mandantes deste país. Não interessa olhar demasiado longe para ver a boa arte. Hoje em dia, todo o município que se preze tem o seu Museu de Arte Contemporânea. Se não tem um museu, tem um centro, se não é um centro é uma coleção, como se o futuro dependesse de hoje e não do passado. Antes de reverenciarmos desalmadamente os artistas de hoje em Museus – trabalhos esses que irão para o lixo daqui a uns anos após o esfriamento do subjectivismo dos seus directores – devemos primeiro conhecer, a fundo, o passado, e saber que um *simplicissimus modernista* é significativa de obras de uma época fundamental da nossa história e da nossa identidade cultural.

Lisboa, HML, 26 de Junho de 2008.